IV COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTE
arte, design, (re)invenção política e transformação social
13 a 16 de novembro de 2023

RUMALAB: TRAJETOS COLETIVOS PARA ENCRUZILHADAS POÉTICAS

Palavras-chave: Artes Visuais; Poéticas dissidentes; a rua como ateliê

Raoni Carvalho Gondim; EBA-UFBA; Salvador, Bahia, Brasil; raonigondim@gmail.com.

Gabrielle Guido; ENTREBECOS; Salvador, Bahia, Brasil

gabrielle.vbng@gmail.com

1. Inrodução

Para começar, é fundamental que eu me posicione como artista-pesquisador, professor e gestor. Hoje, compreendo essa posição como uma encruzilhada na qual se desenvolve um trabalho poético-pedagógico e de formação transgressora. Esse trabalho tem como base a criação poética enquanto campo de sensibilização social para a construção de outros imaginários possíveis.

Ao longo de sete anos, atuei como professor no componente EBA154 - Metodologia do Projeto em Artes e Design. Este componente é obrigatório para o curso de Artes Visuais, o curso de Design, o curso Superior em Decoração e opcional para o curso Licenciatura em Desenho e Plástica, bem como para o Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal da Bahia. Em sala de aula, reconheci a importância por construir um trabalho de base utilizando como estratégia didático-pedagógica as orientações em grupo, mediadas por uma prática formativa no campo da Ciência Estética, tendo como recurso o campo das experiencias individuais, com foco na apreensão do sensível.

Paralelamente à minha atuação em sala de aula, assumi a coordenação do curso de Artes Plásticas e a presidência do Núcleo Docente Estruturante. Estive à frente da reforma curricular do curso, que a partir do primeiro semestre de 2023 passou a se chamar Bacharelado em Artes Visuais. Dentre as mudanças estruturais do curso, destaco a atualização do perfil do egresso, que agora é caracterizado pela integração dos eixos:

Práticas e Processos Criativos; Teoria, História e Cultura; e Fundamentos Socioambientais. O último eixo é de particular interesse, pois visa preparar os estudantes como agentes culturais e socioambientais em suas comunidades.

A identificação desse perfil surgiu a partir de diálogos em sala de aula com estudantes que já atuavam como agentes sociais, culturais e artísticos em suas comunidades, bem como com estudantes que, após a formatura, retornavam às suas comunidades e, diante da falta de oportunidades de emprego, assumiam o papel de agentes culturais, reconhecendo essa função como uma necessidade real em seu ambiente.

No decorrer destes anos, para além de referenciar um vasto e complexo imaginário de um nordeste contemporâneo implicado com questões acerca da poética, do design, da tecnologia, dos animes e mangás, numa paisagem que se estende da costa ao sertão, passando por regiões de montanhas e planícies de bilhões de anos, o mapeamento de experiencias identifica também uma necessidade por ampliar o diálogo com imaginários que estão fora do eixo acadêmico e que contribuem para a formação cultural.

Nesta intenção, crio o projeto de extensão “Laboratório de processos criativos em Artes Visuais”, no desejo de encontrar, pessoas, grupos e comunidades não vinculados à universidade, na grande região metropolitana de Salvador, que trabalham, pesquisam e/ou produzem no campo das Artes Visuais, considerando a amplitude de linguagens que se aproximam e/ou dialogam diretamente com tal nomenclatura.

O laboratório tinha como propósito estabelecer um diálogo entre as práticas e experiências de artistas em processo de criação, visando investigar as possibilidades metodológicas, políticas e tecnológicas para uma compreensão mais profunda da realidade local. No final do laboratório, surgiu a ideia de formar um coletivo de pesquisa e criação, que adotou o tema "Como preparar o corpo para a rua" enquanto eixo de investigação. Assim, o RUMALAB - Coletivo de Poéticas Visuais nasceu, com a missão de discutir e propor ações com base na relação entre comunidade, rua, deambulação e espaço de criação.

1.2 Poética, Política e Comunicação: A Rua como Epistemologia

A trajetória de participação do curso de extensão foi fundamental para o entendimento sobre as tecnologias de produção poética que já vinha utilizando meu dia a dia, mas não os compreendia como um processo artístico. A troca, e intenso diálogo com perfis, contextos e práticas que vivenciam a cidade de diferentes formas foi um catalisador de sensações e que partiu de um importante lugar de ocupação da Universidade.

A investigação sobre si, a partir da auto-observação e da percepção do outro, tornou o processo contínuo. A necessidade de entender onde e como acesso meu próprio ateliê foi gritante a ponto de irmos construindo pernas para o grupo até virar um coletivo que vive a cidade de maneiras completamente diferentes.

Enquanto produtora, comunicadora popular e fotógrafa, venho repensando e elaborando como o trânsito entre becos, os medos, as formas de proteção, os cuidados, os respiros, as belezas e encantamentos também são processos poéticos que colocam a produção artística em diferentes subjetividades.

Inevitavelmente entro em conflitos clássicos e seculares do que pode ou não ser considerado arte, do que é entendido como ação poética-política e do que se sente na prática cotidiana de uma existência de uma mulher, nortista, parda em Salvador.

Hoje faço parte de uma plataforma de comunicações que por meio do jornalismo local, conta histórias através da perspectiva e vivência dos moradores das periferias soteropolitanas. São jornalistas, fotógrafos/as, produtores/as culturais e cientistas sociais que buscam soluções, pessoas e modos de vida que são comumente tratados com estigma, portanto não tratamos de violência e nem de assistencialismo, afinal os grandes veículos já fazem isso.

De alguma forma foi uma tradução, recorte e reconstrução de entendimentos de que tinha em mão uma tecnologia, que fui construindo a partir gerações e de andanças. Senti muitas vezes que me separava em categorias: produtora, comunicadora, fotógrafa, artista visual e essa fragmentação, por vezes, me fez ignorar as poéticas da comunicação, da produção, da captação de imagens. Do que tinha de abstrato estar em bairros em que jamais entraria sozinha, mas que estava muito bem acompanhada por um morador ou

frequentador assíduo, que em olhares e balanços de cabeça me diz o que posso ou não fazer.

Que prática é essa que nos permite saber quando podemos fazer ou não uma imagem? Quando se interpreta sinais sutis dos donos da rua? Tenho aprendido aos poucos a compreender que para além do medo e do afeto, há aí uma forma de existir que por muito ignorei como potência poética e entendi como prática de vida, como se elas pudessem estar dissociadas.

Como as histórias podem contribuir com um ecossistema de percepções sobre corpos, territórios e experiências dos bairros populares da cidade? Como de fato estes trabalhos podem ocupar espaços na arte contemporânea? Rasgando os espaços expositivos ou recriando a rua? E para além das nossas produções poéticas, como isso se torna um trabalho de base sólida, que fortaleça autoestimas, que apresentem soluções práticas para problemas práticos, que possam trocar saberes e formas de fazer?